

**“Ahhh, no estrangeiro, você é sempre estrangeiro”:
reflexões sobre a e/imigração de futebolistas brasileiros e o racismo no futebol europeu a
partir de uma entrevista com o ex-atleta Paulo Sérgio**

Marcel Diego Tonini*
Universidade de São Paulo

Resumo: Este artigo apresenta algumas reflexões iniciais da minha pesquisa de doutorado, que versa sobre a e/imigração de futebolistas brasileiros e o racismo no futebol europeu a partir de 1987. Valho-me, para tanto, de alguns excertos de uma entrevista que realizei com o ex-atleta Paulo Sérgio Silvestre do Nascimento, destacando e discutindo os seguintes temas: ida, adaptação, relacionamento profissional e experiências diversas vividas na Europa; retorno ao Brasil e readaptação cultural; e racismo e situações pessoais de discriminação. Ao final, faço considerações sobre o trabalho com histórias de vida e concluo dizendo que os ex-futebolistas, tomando por base a vivência na Europa, tendem a fazer uma avaliação positiva das relações raciais no Brasil, bem como das nossas identidades culturais.

Palavras-chave: E/imigração; Racismo; Futebol europeu; História oral; Paulo Sérgio Silvestre do Nascimento.

Abstract: This paper presents some preliminary reflections on e/immigration of Brazilian footballers and racism in European football since 1987, which is the subject of my doctoral research. In that way, I use some excerpts from an interview with the former athlete Paulo Sérgio Silvestre do Nascimento, highlighting and discussing the following topics: triptoEurope, cultural adaptation process, relationship with his teammates and local community, and multiple experiences lived in Europe; return to Brazil and cultural readaptation; racism and personal situations of discrimination. Finally, I discuss the work with life stories and conclude that the formers athletes, based on the experience of living in Europe, tend to make a positive evaluation of race relations in Brazil, as well as our cultural identities.

Keywords: E/immigration, Racism, European Football, Oral History, Paulo Sérgio Silvestre do Nascimento.

Introdução

Há vinte anos, quando olhávamos para a escalação de um time profissional europeu, podíamos facilmente supor, caso não soubéssemos, o país daquele clube a partir dos nomes dos jogadores. Hoje em dia, isso tem se tornado cada vez mais difícil, uma vez que, com

* Doutorando em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pesquisador do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP), do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (LUDENS-USP) e do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF-USP).

raríssimas exceções – Athletic Bilbao, por exemplo –, as equipes são compostas por atletas de diferentes lugares do mundo. Em alguns casos, a situação é tal que, dos onze homens que entram em campo, nenhum deles é da mesma nacionalidade que o clube, como já aconteceu com Arsenal, Chelsea, Wolfsburg, Internazionale, entre outros. Sugestivo, aliás, é o fato de justamente esta última agremiação ter sido, em 2010, o primeiro campeão europeu com todos os titulares estrangeiros, algo que foi bastante destacado pela imprensa esportiva na época¹.

Essa nova realidade do futebol, globalizado e multicultural, não foi discutida evidentemente apenas pelos jornalistas em suas mesas-redondas. As autoridades máximas do esporte debruçaram-se sobre a questão e passaram a declarar publicamente o seu descontentamento com a grande presença de estrangeiros no futebol praticado na Europa². Como uma “missão a ser completada”³, chamou atenção da comunidade internacional a fala repetitiva proferida por Jean-Marie Le Pen. Desde a Eurocopa de 1996, o ex-candidato à presidência francesa mostrou por diversas vezes sua inconformidade com o fato de a seleção de seu país disputar competições com vários jogadores originários ou descendentes da África.

Em suas palavras:

É um pouco artificial trazer jogadores do exterior e chamá-los de Seleção Francesa. Os jogadores em outras seleções cantam seu hino nacional com entusiasmo; a maioria dos jogadores na Seleção Francesa não cantam *La Marseillaise* e nem ao menos sabem cantá-la. (Jean-Marie... 2002, tradução minha)⁴.

Valendo-se do futebol para falar da transformação social vivida na França, o líder da Frente Nacional expôs muito mais do que seu patriotismo ufanista, o teor racista de seu discurso, cujas propostas políticas frente à imigração, ao desemprego e à criminalidade crescentes naquele país tornam isso ainda mais aparente. Retrato do processo histórico em curso no continente europeu, sua fala evidencia como o futebol se coloca na contemporaneidade como um campo simbólico de disputas, capaz de canalizar identidades e tensões, reproduzir dilemas e valores sociais (DAMATTA, 1982). Além disso, torna claro um problema que, apesar de ser recorrente na mídia de modo geral, é pouco e superficialmente

discutido na academia brasileira: o racismo e a xenofobia no futebol europeu, apesar dos milhares de imigrantes e atletas por lá espalhados.

Nesse sentido, pretendo dar sequência à pesquisa de mestrado (TONINI, 2011), porém aprofundando o carente e necessário debate teórico através da consideração de novos e desafiadores elementos. Antes, procurei analisar a questão racial no futebol brasileiro ao longo das quatro últimas décadas. A ideia era possibilitar um olhar panorâmico sobre o universo do futebol e por isso entrevistei profissionais de sete redes distintas, a saber: jogadores, treinadores, árbitros, dirigentes, torcedores, jornalistas e intelectuais. Agora, no doutorado, o cenário é o futebol europeu no período posterior a 1987. Dentre os profissionais desse meio, aqueles que mais podem contribuir para entender a complexidade dessa discussão são justamente os futebolistas brasileiros negros que atuaram no exterior. Incorpora-se, assim, nesse polêmico debate a questão da e/imigração, da identidade nacional e do multiculturalismo na sociedade europeia.

Afinal, o que os futebolistas brasileiros negros têm a dizer sobre a situação atual deles em outro mercado de trabalho, em outra sociedade? Quais as experiências vividas e as memórias lembradas/construídas por eles? Quais as expectativas para a partida? Como se deu o processo de adaptação cultural? E a volta para o Brasil após o término de suas carreiras? Como eles repensam o racismo praticado neste país e a identidade brasileira à luz das vivências no exterior? Enfim, como podemos caracterizar o racismo e a xenofobia nesse esporte e refletir sobre as relações raciais na Europa e, em contrapartida, no Brasil? Essas são as perguntas norteadoras da pesquisa ora em curso, a qual, por meio dos procedimentos metodológicos da história oral, almeja constituir documentos inéditos e dar ouvidos às vozes dos principais sujeitos e vítimas desse processo histórico.

Neste artigo, tentarei desenvolver parte dessa discussão utilizando como fonte alguns excertos de uma entrevista que realizei com o ex-atleta Paulo Sérgio Silvestre do Nascimento.

Antes, porém, cabe delimitar melhor o tema em questão, qual seja a e/imigração de futebolistas brasileiros e o racismo no futebol europeu.

A e/imigração de futebolistas brasileiros e o racismo no futebol europeu

O domínio brasileiro no campo esportivo (BOURDIEU, 1983, 1990) em questão, expresso não somente pelos títulos em Copas do Mundo, mas também por um estilo de jogar chamado de “futebol-arte” (VOGEL, 1982, DAMATTA 1994, GIL 1994, HELAL e GORDON JÚNIOR, 1999), fez com que nossos futebolistas fossem altamente valorizados no mercado de trabalho. Como consequência, sabe-se que, desde pelo menos a década de 1930, se iniciou um fluxo migratório de jogadores brasileiros para o exterior, sobretudo para a Europa⁵.

No início, grandes jogadores como Domingos da Guia e Fausto saíam do Brasil em busca de profissionalismo e remuneração maior (LOPES, 2004). A partir do momento que o futebol se profissionalizou em 1933, esse fluxo para fora diminuiu por um tempo, mas, ainda assim, alguns mercados se mostravam mais atrativos, como o italiano e até mesmo o colombiano já na década de 1950. Desse decênio em diante, a Espanha também abriu as portas aos brasileiros. Como a presença de estrangeiros nas equipes era restrita, dirigentes de clubes e empresários tentavam a todo custo comprovar a ascendência europeia⁶ de atletas oriundos do Brasil e da Argentina, principalmente⁷.

Ao menos até o final da década de 1970, jogar no exterior significava dedicar-se apenas ao clube, abdicando-se praticamente da Seleção Brasileira (CAJU, 2006). Primeiro, porque as agremiações internacionais não colaboravam com a liberação de seus atletas para os selecionados; segundo, porque a opção por atuar fora do país era vista de maneira negativa por dirigentes, jornalistas e torcedores brasileiros (JACOBS e DUARTE, 2006). O fluxo migratório de nossos futebolistas para a Europa só não era maior porque jogar em um grande

clube nacional e na Seleção ainda era o maior sonho para a carreira profissional (TONINI, 2011).

É preciso dizer também que havia restrições legais e profissionais aos atletas estrangeiros. Em 1974, a Federação Espanhola de Futebol (RFEF) “decidiu não lutar mais contra a corrupção e os arranjos que colocavam estrangeiros ilegais nos campeonatos da Primeira Divisão.” (COELHO, 2009:76). Passou a permitir, assim, a presença de dois jogadores internacionais por clube, independentemente de terem ou não ascendência espanhola. A Federação Italiana de Futebol (FIGC), por sua vez, depois de catorze anos de mercado fechado, resolveu consentir um estrangeiro por clube em 1980. Dois anos depois, ela também concedeu a segunda vaga.

Somado a isso, levemos em consideração a desvalorização da moeda e a recessão econômica que o Brasil vivia na década de 1980. A demanda pelos nossos futebolistas para atuar na Europa não podia encontrar cenário melhor. Apesar do esforço de algumas agremiações nacionais, passou a ser cada vez mais difícil concorrer com a oferta de altos salários de clubes estrangeiros, bem como tentador aceitar as propostas milionárias dos mesmos. Dada a grave situação financeira dos clubes brasileiros, a consequência desse processo foi a exportação de jogadores como “solução” (PRONI, 1998:219). Para o grande público, começava o “êxodo” (HELAL, 1997: 33); ao menos, tornava-se nítida a saída de nossos “craques”: Falcão (Roma, 1980), Zico (Udinese, 1983), Sócrates (Fiorentina, 1984), entre tantos outros.

A partir de 1987, contudo, a migração de futebolistas brasileiros para o exterior acelerou-se num ritmo sem precedentes (ver Tabela 1). Desde então, não só jogadores consagrados em grandes clubes e na Seleção Brasileira deixavam o futebol nacional, mas também atletas promissores, cujos empresários, ávidos por intermediar as vendas, buscavam um “preço compensador”. O economista Marcelo Proni, de quem retiramos essa informação,

fez, aliás, uma análise triste, porém realista do que estava acontecendo naquele período com o nosso ludopédio:

O futebol brasileiro havia se transformado numa espécie de “seleiro de craques” para o futebol europeu. A estratégia de sobrevivência de quase todas as grandes equipes nacionais, nesse aspecto, tornara-se semelhante à dos pequenos times do interior. (PRONI, 1998:219).

E não era somente em termos econômicos que o esporte mais popular enfrentava graves problemas, mas também politicamente na administração de clubes e federações, assim como na organização de certames (GUTERMAN, 2009). O ano de 1987 ficou marcado para o futebol brasileiro tanto pela saída em grande número de atletas (199) quanto pela cisão entre dirigentes e pela realização fracassada do Campeonato Brasileiro, cujo desfecho é alvo de disputa judicial até hoje⁸. Naquele período, portanto, mais do que em outros, havia uma nítida sintonia entre o que ocorria nos bastidores do futebol com o que se dava na cena política e econômica nacional. Para o historiador Hilário Franco Júnior, tudo isso revela “o tumultuado processo de modernização do futebol brasileiro” (2007: 157).

TABELA 1
Distribuição anual das transferências internacionais
de futebolistas brasileiros - 1973-2009

Ano	Emigrantes*	Retornados**	Ano	Emigrantes*	Retornados**
1973	131	-	1992	205	-
1974	160	-	1993	322	-
1975	57	-	1994	207	-
1976	52	-	1995	254	-
1977	80	-	1996	381	-
1978	87	-	1997	553	-
1979	51	-	1998	532	-
1980	76	-	1999	658	-
1981	154	-	2000	701	-
1982	154	-	2001	736	-
1983	82	-	2002	665	-
1984	71	-	2003	858	-
1985	64	-	2004	857	-
1986	96	-	2005	804	491
1987	199	-	2006	851	311
1988	227	-	2007	1.085	489
1989	129	-	2008	1.176	659
1990	134	-	2009	1.017	707
1991	136	-			
Total				14.002	2.657

* Este registro não era feito pela CBF antes de 1973.

** Este registro não era feito pela CBF antes de 2005.

Fonte: Proni (1998), Jacobs e Duarte (2006) e CBF.

Em dezembro de 1995, uma decisão do Tribunal de Justiça Europeu traria grandes mudanças não só para o futebol daquele continente, mas também de todo o mundo. Ao julgar o caso Bosman⁹, a corte assegurou o direito aos futebolistas da União Europeia de controlarem a sua própria força de trabalho por meio de contratos. Antes mesmo da adaptação de tal legislação ao Brasil, o que ocorreu por meio da chamada Lei Pelé¹⁰ em 1998, os efeitos da Lei Bosman já eram sentidos pelo futebol nacional. Como podemos notar na tabela apresentada, o número de transações internacionais, que já tinha tido um aumento considerável desde o final da década de 1980, acentuou-se ainda mais a partir de 1996.

Tendo isso em vista, uma pergunta se impõe: quais as motivações para os jogadores brasileiros buscarem o futebol europeu? As respostas podem ser variadas, muitas vezes com mais de uma explicação. A priori, consultando inúmeros jornais e realizando as primeiras entrevistas, diria que a “independência financeira” (PERRONE, 2005:D2) se coloca como primeira resposta, mas razões secundárias têm aparecido com alguma frequência: a vontade de jogar em clubes conhecidos internacionalmente, ao lado de renomados atletas, disputar campeonatos mais valorizados e, inclusive, viver em outra sociedade, conhecer outra cultura. De toda maneira, permanecem outras relevantes perguntas: como o mercado europeu de futebol – e, particularmente, as cinco ligas mais cobiçadas, a saber: a inglesa, a espanhola, a alemã, a italiana e a francesa – se tornou o grande “sonho” (O artilheiro... 1990: D3) profissional desses atletas? O que isso acarretou para o ludopédio brasileiro? Quais experiências e memórias eles têm a nos contar após anos vivendo no exterior?

A partir de 2005, a CBF passou a computar dados a respeito de jogadores que retornaram ao futebol nacional. O crescimento dessa taxa é também significativo e nos convida a pensar sobre as causas desse retorno. Seria devido à falta de adaptação, à distância da família ou mesmo da Seleção Brasileira, ou ainda ao racismo sofrido nos campos e na sociedade europeia? Supomos que, após acumularem uma quantia que lhes daria segurança

financeira para o resto da vida, o dito “pé de meia” (GIMENEZ, 1996:4), eles começam a pesar outras questões, entre as quais a “saudade do Brasil” (JÚLIO 1988: D3) costuma ser frequentemente apontada. Independentemente das razões, a crescente taxa observada na tabela evidencia duas características do futebol globalizado: a troca constante de clube por parte dos jogadores e, conseqüentemente, a “circulação” deles por diferentes mercados de trabalho (Rial 2008).

De acordo com a antropóloga Carmen Rial, é estimado que haja em torno de 4 mil futebolistas brasileiros jogando no exterior. Em termos numéricos, essa informação pode parecer irrelevante se tivermos em mente os mais de 3 milhões de brasileiros que vivem fora do país¹¹. No entanto, devemos considerar três impactos dessa migração específica: o primeiro é financeiro, uma vez que movimenta milhões de dólares no mercado futebolístico mundial, representando uma importante fonte de renda para os clubes brasileiros¹². Em segundo lugar, a mídia, devido o futebol ser o esporte mais popular do mundo, destina grande espaço para campeonatos, clubes e jogadores, entre os quais os brasileiros ocupam um papel de destaque. Conseqüentemente, por fim, o impacto simbólico da emigração de nossos futebolistas é imensurável, seja no Brasil, seja na Europa. O “sonho” de ser jogador, de ganhar dinheiro, de sair do país e “fazer a vida” no Velho Continente encontra nesse ponto tanto uma explicação – não única, é claro – quanto um círculo vicioso, ainda que entre o sonho e a realidade haja, contudo, um longo e penoso caminho, no qual o suposto dom para tal prática esportiva deve ser lapidado, como nos ensinou Damo (2007).

A entrada de inúmeros cidadãos extracomunitários na Europa tem causado reações nas comunidades locais. Alguns setores da sociedade adotaram um discurso nacionalista e, por vezes, reagem violentamente, de modo simbólico ou não (AGOSTINO, 2002). Estádios de futebol têm sido usados por muitos torcedores ultra como um espaço privilegiado para esse

tipo de demonstração. É comum ouvir o “buuh” (FLORENZANO, 2010) da torcida, fazendo particularmente dos atletas da África e da América do Sul suas vítimas favoritas¹³.

Nesse sentido, o futebol, ao invés de ser um espaço exemplar de democracia racial, crença esta compartilhada por pessoas comuns e até mesmo intelectuais brasileiros¹⁴, coloca-se como um local público singular para a disseminação e a prática do racismo. É recorrente o imaginário social de que o futebol se constitui um espaço (dentro do estádio) – tempo (durante noventa minutos) desassociado das leis de uma sociedade, o que se expressa em falas como “o futebol tem regras próprias” ou “dentro das quatro linhas, isso é permitido” (TONINI, 2011). Além de se mostrar como uma das poucas instituições sociais que dá vazão e visibilidade a essas pulsões de grupos intolerantes na contemporaneidade, as suas entidades pouco fazem para combater e oferecem baixíssima punição aos agressores¹⁵.

Não é a toa que as torcidas ultras têm crescido no mesmo compasso em que se abrem os mercados de trabalho para futebolistas na Europa, o que vem ocorrendo desde a década de 1970, porém se intensificou a partir dos anos 1980 (PODALIRI e BALESTRI, 1998)¹⁶. Chega-se, dessa maneira, a um paradoxo: de um lado, os dirigentes dos clubes europeus não podem mais prescindir do pé de obra barato que vem da periferia do sistema esportivo; de outro, uma parcela dos torcedores locais reage de maneira violenta a essa imposição do mercado global, que se aproxima cada vez mais das bandeiras da xenofobia e do racismo ao constatarem mudanças na identidade social, seja no seu clube, seja na sua nação (BACK, CRABBE e SOLOMOS, 2001).

Relacionar eventos distintos ao longo dos anos 1990 e 2000 sem dúvida é de grande importância para a compreensão do racismo e da xenofobia ora em curso na Europa. No entanto, como se trata de um processo histórico que, inerentemente, lida com a vida de pessoas que se deslocam de um continente a outro e que passam por experiências marcantes no relacionamento com indivíduos de outras sociedades e culturas, entendo que dentro das

propostas desta pesquisa é primordial deixá-las lembrar das suas próprias vivências e construir narrativas de caráter pessoal. Não é à toa que as histórias de vida de futebolistas brasileiros negros que jogaram na Europa durante as duas últimas décadas são a parte central deste estudo.

O entrevistado: Paulo Sérgio Silvestre do Nascimento

A partir de agora, faço breves comentários sobre a vida e a trajetória profissional de Paulo Sérgio Silvestre do Nascimento, cujos excertos são o objeto de estudo deste texto.

Após aproximadamente dois meses de negociação, Paulo Sérgio foi a primeira pessoa a concordar em participar da minha pesquisa de doutorado. Ele, que havia sido indicado pelo árbitro Paulo Cesar de Oliveira e pelo jornalista Abel Neto ainda durante o mestrado, nasceu na cidade de São Paulo em 1969. Antes de ir para o futebol europeu, ele havia sido um atacante promissor no Corinthians entre o final da década de 1980 e início da de 1990. Em 1993, ele recebeu e aceitou uma oferta para jogar pelo Bayer Leverkusen na Alemanha. As boas atuações aqui e lá fizeram com que ele fosse convocado para a Seleção Brasileira, pela qual foi tetracampeão na Copa do Mundo de 1994. Como manteve um bom nível de futebol, mudou-se para a Itália, onde defendeu as cores da Roma.

Duas temporadas mais tarde, Paulo Sérgio assinou contrato de quatro anos com o Bayern de Munique, o maior e mais tradicional clube alemão. Retornando àquele país, ele passou pelo período de maior sucesso na carreira, sendo campeão nacional, continental e mundial em um único ano. Antes de pendurar as chuteiras, ele atuou por seis meses nos Emirados Árabes Unidos, pelo Al Wahda, e em seguida voltou ao Brasil em 2003, dez anos depois que havia saído, para defender por pouco tempo a camisa do seu último clube, o Bahia.

Desde então, o ex-jogador passou por diferentes experiências: tornou-se observador do Bayern de Munique na América do Sul, embaixador de uma marca esportiva no Brasil, vice-

presidente da Federação Paulista de Futebol, treinador do Red Bull Brasil e proprietário de uma empresa de gestão esportiva, a *Welt*, que significa mundo em alemão. Além de controlar essa empresa, Paulo Sérgio atua hoje como comentarista esportivo do canal ESPN Brasil, acompanhando especialmente o campeonato alemão.

O encontro com o ex-atleta aconteceu em 18 de outubro de 2011, em seu centro esportivo, o Soccer Grass PS7, que se localiza em um das avenidas principais de Barueri-SP. A entrevista durou pouco mais de uma hora e foi concedida em seu escritório, onde se destacavam na parede duas camisas completamente autografadas: uma do Corinthians e outra do Bayern de Munique, os dois clubes mais memoráveis de sua carreira.

Num primeiro momento, ele narrou sua vida de forma cronológica, começando por suas origens e passando pela infância, pelo início de carreira, pelos momentos marcantes nos clubes, pelos títulos conquistados até chegar aos acontecimentos atuais. Em seguida, tentei encorajá-lo a aprofundar algumas experiências de vida, em especial: a ascensão social e profissional, a ida e as primeiras impressões na Europa, o processo de adaptação cultural, o relacionamento com os colegas de trabalho e com a comunidade local, as diferenças culturais entre Brasil, Alemanha e Itália, o racismo e a xenofobia, o retorno e a readaptação no Brasil, entre outras.

Na intenção de destacar alguns desses aspectos, selecionei alguns trechos da entrevista e tento a seguir analisar algumas questões e fatos narrados, valendo-me para tanto de uma bibliografia consagrada.

Excertos e discussão

O primeiro excerto diz respeito à ida, à adaptação, ao relacionamento profissional e às experiências diversas vividas na Europa. Nas suas palavras:

Na época, eram poucos brasileiros que jogavam a Bundesliga. Falo pra você que nós tínhamos cinco brasileiros num tempo em que só podiam jogar três estrangeiros em cada equipe. No Bayer Leverkusen, tinha eu, um tcheco e um romeno... Foi muito

difícil. Hoje, a gente vê que cada equipe tem três, quatro, cinco brasileiros... Ao terceiro mês, tive até vontade de vir embora. A luta com os jogadores... Eles acham que você quer ocupar o espaço deles, e, aí, se torna muito difícil. Foi assim até o momento em que eu pude aprender a língua, a cultura. Assim, me introduzi muito mais fácil dentro do sistema. Coloquei essas coisas como metas na minha vida...

Lembremos que Paulo Sérgio foi à Europa para jogar no futebol alemão em 1993. Naquela época, de fato, eram pouquíssimos os futebolistas brasileiros que trabalhavam naquele país. A dificuldade de adaptação mencionada por ele pode ser explicada em parte pela falta de compatriotas, os quais certamente o ajudariam naquele primeiro momento. No entanto, sabe-se que a língua é um dos maiores obstáculos culturais, especialmente quando uma pessoa não sabe falar nem o básico, como era o caso do meu entrevistado. De acordo com Kristeva, cidadãos locais “pouco se importam” com os erros linguísticos cometidos pelos estrangeiros e, inclusive, pensam que eles “jamais conseguirão” se expressar corretamente. “Assim”, diz ela, “entre duas línguas, o seu elemento é o silêncio.” (KRISTEVA, 1994:23). E a autora continua argumentando:

Encurralado nesse mutismo poliforme, o estrangeiro talvez tente, em vez de dizer, fazer: fazer a faxina, jogar tênis, futebol, velejar, costurar, cavalgar, correr, fazer filhos... sei lá mais o quê. Mas isso continua sendo um desperdício, um desgaste, além de propagar ainda mais o silêncio. Quem o escuta? No máximo, toleram você. Aliás, você quer realmente falar? (KRISTEVA, 1994: 23).

Se as palavras da autora parecem exageradas para descrever experiências negativas dos estrangeiros, vejamos concretamente as dificuldades vividas por Paulo Sérgio tendo em vista que ele imigrou sem saber falar ou compreender minimamente o alemão:

Na ocasião, tínhamos um intérprete, mas nós éramos em quatro: eu, minha esposa e meus dois filhos. O Felipe tinha 1 ano de idade e a minha filha, 7 meses. Quando nós chegamos lá, foi muito difícil! Eu lembro que fui direto para a concentração e a minha esposa, para o hotel. Tivemos que dividir o intérprete. Quando cheguei na concentração, não sabia falar nada. Ainda bem que encontrei um jogador que me ajudou muito, o Bernd Schuster. Ele, que tinha jogado por muitos anos no Real Madrid, falava um pouco o espanhol e me ajudou como pôde naquele momento imediato. Até então, eu não me preocupava em falar espanhol e vi a necessidade de falar uma outra língua. Apesar da orientação dele, foi difícil, viu! Quando estava no quarto, na concentração, e queria pedir alguma coisa, não sabia ler o cardápio. Eu lembro que comprei um livrinho de tradução, mas não era a mesma coisa! Porque a pronúncia no alemão é muito diferente... A minha esposa também teve seus momentos difíceis no hotel, principalmente quando queria pedir alguma coisa para ela, para as crianças. A gente dependia sempre do intérprete. Quando ele estava

comigo, ela ficava lá sozinha; quando estava com ela, aí era eu que ficava sem ajuda. Então, foi muito complicado! Mas nós passamos por esses obstáculos.

Apesar da ajuda de um ou outro companheiro de equipe, o relacionamento no trabalho estava longe de ser o melhor, especialmente entre alemães e estrangeiros. Um fato lembrado exemplifica isso. Em uma determinada partida, Paulo Sérgio perdeu uma cobrança de pênalti e, nos vestiários após o jogo, foi cobrado fortemente por boa parte do time. Se esse é um evento dramático no qual seus colegas podem ter se deixado levar pela excitação do momento, outra história sustenta o argumento acima. Observemos a sua consciência histórica:

E eu cheguei num período em que quatro anos antes tinha caído o Muro de Berlim. Muitas pessoas da Alemanha Oriental, desempregadas, estavam indo pra Alemanha Ocidental. Então, enfrentei oposição de muitos jogadores. Eu lembro que tinha um deles que, quando chegava perto de mim, virava e tocava a bola pra outro. Não fazia isso porque era negro ou alguma coisa desse tipo, mas por ser estrangeiro e estar ocupando o espaço deles.

Mudar para outro país que tem uma cultura diferente da sua nunca é uma tarefa fácil para qualquer imigrante. No entanto, algumas circunstâncias podem tornar o processo de adaptação ainda mais difícil. Como podemos ver, Paulo Sérgio identificou e relacionou dois fatores: primeiro, a mudança política e econômica da Alemanha no início dos anos 1990 e, segundo, o tratamento destinado aos estrangeiros no local de trabalho, como se eles fossem responsáveis pela crise que o país vivia naquele momento. Baseado em dezenas de entrevistas com futebolistas brasileiros no exterior, Rial dá a receita para viver em outro país:

Já a receita para permanecer no exterior incluiria o casamento, e se possível filhos, e o pertencimento a uma religião, preferencialmente evangélica, cujos preceitos rigorosos ajudam a suportar a disciplina imposta pela carreira de futebolista, por eles definida como “sofrimento”. (RIAL, 2008:48).

Numa tentativa de superar as dificuldades encontradas no processo de adaptação, meu entrevistado se encaixa no perfil descrito por Rial e disse ter encontrado forças no amor de Jesus Cristo e na união da família:

Sem dúvida nenhuma, Jesus Cristo me ajudou muito nessa minha adaptação na Alemanha, principalmente através da Bíblia, dos conselhos... Outro ponto fundamental também foi a minha família. Uma das coisas que nós sempre

colocamos é: aonde vai um, vai todo mundo. A minha esposa e os meus filhos sempre estiveram do meu lado e me apoiaram.

Além disso, Paulo Sérgio parece ter levado em conta a experiência de ex-atletas que também procuraram o futebol europeu como mercado de trabalho. Talvez um dos relatos mais conscientes desse processo é o do ex-jogador Paulo Roberto Falcão, que foi um grande meio-campista da Roma entre os anos de 1980 e 1985:

Para ser bem-sucedido no exterior, especialmente em centros importantes como a Itália, a Espanha ou a Inglaterra, não basta jogar bem. Não basta, também, ser apenas um atleta cumpridor de suas obrigações profissionais. Esses valores são importantes. Mas é essencial que o contratado procure se integrar à cultura do país, aprenda o idioma local, respeite hábitos e costumes da terra e, especialmente, que não fique saudosos demais do Brasil (FALCÃO, 2009:10).

Paulo Sérgio, inclusive, admitiu que só foi respeitado e aceito pela equipe quando aprendeu ao menos um pouco da língua e da cultura alemã. Esse foi o ponto fundamental que o deixou livre para interagir e se integrar na sociedade. Não é por acaso que ele mesmo percebeu e colocou isso como meta pessoal, dizendo: “Assim, me introduzi muito mais fácil dentro do sistema.”, como se ele fosse uma máquina e não um ser humano.

Existem pouquíssimos futebolistas brasileiros que, encerradas as suas carreiras, permanecem vivendo no exterior. Aliás, a maioria deles retorna ao Brasil antes mesmo de pendurar as chuteiras para vestir a camisa de um clube brasileiro pela última vez, geralmente daquela agremiação que os projetaram internacionalmente ou daquele clube pelo qual torciam na infância. Terminar a carreira na terra natal é visto como o último contradom (Damo 2007), como uma forma de gratidão. E assim foi com o meu entrevistado:

Desde quando fui pra Europa, eu tinha na cabeça que, quando terminasse a carreira, voltaria ao Brasil... Ahhh, no estrangeiro, você é sempre estrangeiro. Por mais que as pessoas possam te abraçar e tal, você é estrangeiro. É muito difícil! Logicamente, tem atletas que conseguem permanecer lá. Mas eu já tinha como foco voltar pro Brasil, ficar por aqui...

Mesmo antes de partir, Paulo Sérgio já pensava em retornar. É verdade que muitos emigrantes dizem e têm exatamente essa intenção, porém em relação aos futebolistas isso é o

que acontece na maioria dos casos. O modo sincero e sofrido de dizer “Ahhh, no estrangeiro, você é sempre estrangeiro” mostra-nos claramente a dureza que era para ele viver no exterior. Mais do que um objetivo, voltar ao Brasil no final de sua carreira era algo dado de antemão.

É por esse motivo que, apesar de ter recebido outras ofertas para retornar ao futebol alemão quando já havia decidido deixar os Emirados Árabes Unidos, disse: “Só que não queria mais estar viajando, voltando pra lá... Aí, nós [minha família e eu] optamos por ficar no Brasil.”. Embora ele tenha vivido dez anos no exterior, Paulo Sérgio sentia-se uma pessoa que estava “viajando” e, cansado disso, queria definitivamente “ficar no Brasil”. O que importava para ele era sua identificação com o país de origem. Surpreendentemente, ele sentia-se um viajante e não um imigrante durante todo esse tempo.

De acordo com Rial, “emigrante” e “imigrante” não são categorias nativas dos futebolistas. Esses termos estão geralmente associados aos trabalhadores braçais, populações de baixa renda, pessoas em situação ilegal ou que cometem crimes. Como não querem ser identificados com nada disso, os jogadores brasileiros se veem como “profissionais atuando no exterior por um período de tempo e que retornarão ao país de origem para ali realizarem a conversão profissional ou se aposentarem.” (Rial 2008: 56). Para a autora, eles podem ser caracterizados como transmigrantes porque, a despeito de estarem fisicamente na Europa, continuam vivendo no Brasil tanto simbólica quanto economicamente.

O sociólogo argelino Abdelmalek Sayad argumenta que a imigração deve ser vista como um “fato social total” (SAYAD, 1998:16). De acordo com ele, o retorno é o outro lado de uma mesma moeda chamada migração; em outras palavras, emigração e imigração são parte de um mesmo fenômeno e estão inextricavelmente ligadas. O regresso é a ligação entre dois momentos (ida e volta) e entre dois lugares (aqui e lá). Portanto, o retorno indica o caráter circular da migração, dando-lhe unidade e sentido (FAZITO, 2005). Usando uma categoria nativa, esse processo é chamado de “rodar” (RIAL, 2008:58).

A dificuldade de adaptação cultural no exterior não significa, contudo, facilidade na readaptação ao Brasil, quando esses futebolistas terminam as suas carreiras lá fora e retornam ao país de origem. Em tese, quanto mais tempo se vive no exterior, maior será a dificuldade na readaptação, porque eles se acostumam a uma série de fatores, tais como: costumes culturais, educação, segurança, leis e políticas nacionais. Paulo Sérgio viveu uma experiência que ao menos parcialmente se encaixa nessa descrição. Vejamos outro excerto de sua história de vida:

Nessa volta, te digo que estou me readaptando até hoje porque no Brasil é complicado... É um país onde tudo é mais caro. Na política, quando você quer acertar as coisas, as pessoas complicam tudo. Nessa área de *business*, as coisas são muito mais burocráticas. Aqui, as coisas demoram muito mais tempo para acontecer do que imaginava, sendo que na Alemanha as coisas acontecem de maneira muito mais rápida, são muito mais fáceis, mais cla-ras! No Brasil, já é tudo muito mais difícil... Viver aqui é bom? É bom, mas, pra quem mora em São Paulo e nessas grandes cidades, não é barato. Então, tudo isso é uma questão de adaptação.

Embora tenha retornado ao Brasil há nove anos, Paulo Sérgio ainda está se “readaptando até hoje”. Desde que encerrou sua carreira, ele tem trabalhado em política e negócios do futebol, e sua experiência nos mostra como tem sido “complicado” no Brasil. A barganha política, a burocracia e o alto custo de vida são alguns dos problemas que ele mencionou e com os quais está tendo grande dificuldade nesse regresso. Antes, quando estavam na Europa, os jogadores sentiam saudade do Brasil; agora, que estão em sua terra natal, alguns deles sentem falta do país onde viveram por tantos anos. Como podemos ver a seguir, esse também é o sentimento de Paulo Sérgio: “Sinto falta da Alemanha também. Eu falo que lá é a minha segunda casa. Não à toa, eu procuro estar sempre lá. Sempre que vou, dou uma recarregada nas baterias...”.

Ao retornar, o migrante se depara com uma difícil realidade: tudo mudou e nada é igual ao que era, nem ele, nem seu país de origem, nem seus parentes. Entre a ida e a volta, nada ficou cristalizado ou permaneceu em suspensão durante esse período, nada é tão familiar

como era antes. A fim de compreender esse sentimento paradoxal de Paulo Sérgio, fazemos referência ao trabalho de Osman, que escreveu:

A dura comprovação de que mudanças ocorreram levará o migrante a sofrer mais uma dura experiência de anomia: não ser parte daqui nem de lá, não pertencer a nenhum dos dois mundos, a se questionar, inclusive, sobre a própria identidade. (OSMAN, 2006: 107).

Portanto, o ir e vir entre Brasil e Alemanha faz com que Paulo Sérgio fique em uma zona confortável e se sinta bem.

Os últimos trechos da narrativa do ex-jogador que trago para este artigo dizem respeito à questão racial. Assim que o estimulamos a falar desse tópico, Paulo Sérgio expressou sua opinião de maneira taxativa, dando-me a impressão de que estava tocando em um assunto tabu:

Eu tenho uma tese sobre racismo: o mesmo racismo que nós enfrentamos na Europa, enfrenta-se no Brasil também. Vou te dar um exemplo: se você entra em uma loja com um Fusquinha, é tratado de uma forma; se você entra com uma BMW, é tratado de outra. No Brasil, é a mesma coisa...

Para ele, não há diferença entre o racismo europeu e o brasileiro. Através do exemplo dado, ele argumenta que o que importa é a condição econômica de uma pessoa e não a cor da sua pele, se ele é negro ou não. Esse tipo de argumento é bastante comum de ser ouvido por pessoas que querem negar a existência do racismo. Em outras palavras, muitas pessoas no Brasil dizem que “dinheiro embranquece” (FERNANDES, 2008). Diversos pesquisadores brasileiros escreveram sobre a falsa controvérsia entre raça e classe, ou entre preconceito racial e social. Se isso fosse verdade, argumenta Ianni (2004: 66), “não teríamos as atitudes e comportamentos discriminatórios entre indivíduos pertencentes à mesma classe.”

Outro ponto importante a ser esclarecido é distinguir o preconceito racial no Brasil e nos Estados Unidos, o qual é semelhante ao dos países europeus. Segundo Nogueira (1985), um negro é somente discriminado no Brasil se ele tem alguma marca ou traço físico característico da população negra. Portanto, trata-se de um “preconceito de marca”. Nos

Estados Unidos, todo e qualquer negro é discriminado pelo fato de ter ascendência negra, o que significa que lá ocorre um “preconceito de origem ou de sangue”. Assim, no Brasil o preconceito é assistemático e velado enquanto nos Estados Unidos é sistemático e às claras.

Feitas essas considerações, vejamos dois casos de discriminação racial sofridos por Paulo Sérgio. O primeiro deles aconteceu na Alemanha, quando ele jogava pelo Bayer Leverkusen:

Na Europa, ainda mais na Alemanha, o único preconceito que eu tive, assim, foi quando nós fomos jogar em Dresden, e a torcida fazia um som de macaco:
— Uh, uh, uh, uh, uh!
Isso era para me provocar. Da mesma forma que aconteceu comigo, depois vi acontecer com o Oliver Kahn, que é alemão, mas era chamado de “macaco branco”.

Imitar o som dos macacos e fazer os seus gestos são a discriminação racial mais comum em estádios europeus. Paulo Sérgio analisou a atitude dos torcedores como uma provocação para fazê-lo perder a concentração no jogo. A fim de minimizar o caso, ele disse que aquilo aconteceu também com outros futebolistas, inclusive com Oliver Kahn, que é branco. No entanto, a discriminação contra brancos não tem o mesmo conteúdo simbólico do que aquela cometida contra negros (CASHMORE, 2000).

O segundo episódio ocorreu na entrada do centro de treinamento da Roma. O ex-jogador relatou assim:

Depois tive uma outra experiência na Roma. Quando nós chegamos lá, eu e o Cafu, estava escrito assim no muro da Trigoria: “*Fuori Cafu! Fuori Paulo Sérgio! La Roma è solo dibianco.*”... Nós nos assustamos, né?! Aí, os torcedores da Roma vieram falar:
— Isso aqui não é de torcedor da Roma. É de torcedor da Lazio.
Depois, nós vimos mesmo que era de torcedores da Lazio porque os torcedores da Roma sempre nos apoiaram.

Sabemos que qualquer clube tem torcedores de todos os tipos, de diferentes classes sociais, grupos étnicos, crenças políticas e religiosas, e muitas outras categorias. Aliás, há várias facções dentre de uma mesma torcida (FLORENZANO, 2010; TOLEDO, 2002). Embora pareça evidente, Paulo Sérgio preferiu acreditar na versão dada por uma parte da

torcida da Roma. Antes mesmo de os dois futebolistas chegarem para trabalhar, alguns torcedores demonstraram a ambos como eles não eram bem-vindos naquele clube devido à cor de pele. Pelo fato de ter acontecido fora do estádio, distante do dito “calor do jogo”, esse segundo caso foi mais grave que o primeiro.

Conclusões preliminares

Ao longo deste artigo, tentei apresentar e discutir o tema central de minha pesquisa de doutorado: a e/imigração de futebolistas brasileiros e o racismo no futebol europeu em curso nas últimas décadas. A proposta é ir além do debate teórico, na maioria das vezes distante das histórias singulares, das experiências pessoais, da vida cotidiana. Trabalhar com a oralidade, e mais especificamente com histórias de vida, implica justamente levar em consideração uma gama de elementos particulares e subjetivos que dizem respeito à vida de pessoas específicas. Não se trata de desqualificar análises macro ou estruturais nem que histórias isoladas deem conta do geral.

Ao contrário, seguindo as recomendações do meu orientador, apenas advoga-se a favor de que essas narrativas orais, de que essas histórias pessoais possam qualificar o pequeno no amplíssimo, o imediato no geral, ou, como apregoou Foucault, o eterno no presente (Gros, 2004). Essa proposta é ousada, é verdade. Nas palavras de Meihy (2013): “A aludida crítica para transformar, então, sugere o registro das histórias pessoais, capazes de instruir programas de estudos que impliquem coleções de histórias pessoais que levem a *diagnósticos do presente*”.

Por ora, ainda é difícil responder todas as perguntas norteadoras expostas no início do texto. No entanto, para não deixar o leitor sem quaisquer conclusões preliminares, exponho minhas hipóteses com base nas entrevistas já realizadas e na leitura de tantos outros relatos publicados em jornais, *sites* ou até mesmo em trabalhos acadêmicos. Sendo assim, parto da

proposição de que os futebolistas brasileiros negros caracterizem o racismo no exterior como mais claro e segregacionista do que o brasileiro, visto como dissimulado e assistemático (NOGUEIRA, 1985).

Dessa maneira, tais atletas tenderiam a identificar mais situações de discriminação racial no exterior do que aqui no Brasil. Afinal, lá a não promoção, como aqui foi feita por muito tempo, de políticas de miscigenação da população resultou em diferenças étnicas mais marcantes e em um discurso intolerante mais presente, o qual foi motivado também pelas teorias (pseudo)científicas e doutrinas raciais elaboradas desde a metade do século XIX (SEYFERTH, 1996)¹⁷. Dito de outro modo, haveria um afloramento da negritude no exterior, fosse para o “bem” (como sinônimo de ser bom jogador de futebol)¹⁸, fosse para o mal (sofrer situações mais claras de discriminação racial).

Acredito que eles sofram discriminação, também, por serem brasileiros, ou seja, vindos de um país “periférico”¹⁹. Suponho que a maioria deles não se identifique com a cultura dos países para os quais emigra, o que acarretaria em uma valorização das nossas principais identidades nacionais (“futebol arte”, carnaval, samba, feijoada, mulher), algo já enunciado por Rial (2008). Em consequência disso, conjeturo ainda que eles analisem o Brasil como “lar”, “morada”, um “país melhor para se viver” do que em países “centrais”, apesar dos graves problemas sociais daqui (pobreza, violência, corrupção, desemprego, serviços precários na saúde, na educação, nos transportes, etc.), por vezes apontados nas entrevistas que realizei.

A complexidade das questões assinaladas, que relacionam racismo, brasilidade, multiculturalismo, e/imigração e globalização, será enriquecida evidentemente ao longo da realização de novas entrevistas. Espero, assim, que possa humildemente contribuir para uma caracterização dessa e/imigração empreendida pelos futebolistas brasileiros negros, uma reavaliação das identidades nacionais brasileiras e uma melhor reflexão sobre as relações

raciais na Europa. Tudo isso, é claro, à luz das experiências dos próprios sujeitos desse processo histórico. A discussão elaborada a partir de alguns excertos de uma entrevista com o ex-atleta Paulo Sérgio foi apenas um exercício embrionário. Espero que tenha sido profícuo.

Bibliografia

- AGOSTINO, Gilberto. 2002. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad.
- AHMAD, Aijaz. 2002. “Teoria dos três mundos: fim de um debate”. In: _____. *Linhagens do presente*. São Paulo: Boitempo: 167-196.
- BACK, Les, CRABBE, Tim e SOLOMOS, John. 1998. “Racism in football: patterns of continuity and change”. In: A. Brown (ed.). *Fanatics! Power, identity&fandom in football*. London: Routledge: 71-87.
- BOURDIEU, Pierre. 1990. “Programa para uma sociologia do esporte”. In: _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. 1983. “Como é possível ser esportivo?”. In: _____. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero.
- BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. 2011. *Brasileiros no mundo: estimativas*. Brasília.
- CASHMORE, Ellis. 2000. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. São Paulo: Summus.
- CAJU, Paulo Cesar Lima. 2006. *Dei a volta na vida*. São Paulo: Girafa.
- COELHO, Paulo Vinicius. 2009. *Bola fora: o êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books.
- DAMATTA, Roberto. 1994. “Antropologia do óbvio”. *Revista USP*, 22: 10-17.

_____. (org.). 1982. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

DAMO, ArleiSander. 2008. “Os racismos no esporte”. In: E. Gomberg e A.C.S.Mandarino(orgs.). *Racismos*. Salvador: EDUFBA. (no prelo).

_____. 2007. *Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec/ANPOCS.

FALCÃO, Paulo Roberto. 2009. “Prefácio”. In: P.V. Coelho. *Bola fora: o êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books.

FAZITO, Dimitri.2005. “Dois aspectos fundamentais do retorno: símbolos e topologias dos processos de migração e sua circularidade”.In: Encontro Nacional sobre Migrações, 4., 2005, Rio de Janeiro.*Anais...* Rio de Janeiro, 2005.

FERNANDES, Florestan. 2008. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Globo, 2 v.

FILHO, Mario. 2003. *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad.

FLORENZANO, José Paulo. 2010. “A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras”. *Revista de História*, 163: 149-174.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. 2007. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.

FREYRE, Gilberto. 2003. “O negro no futebol brasileiro (prefácio à primeira edição)”. In:

FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad.

GIL, Gilson. 1994. “O drama do ‘futebol-arte’: o debate sobre a seleção nos anos 70”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 25.

GROS, Frédéric. 2004. *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola.

GIULIANOTTI, Richard. 2002. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria.

GORDON JÚNIOR, Cesar. 1996. “‘Eu já fui preto e sei o que é isso’: história social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo”. *Pesquisa de Campo*, 3/4: 65-78.

_____. 1995. “História social dos negros no futebol brasileiro: primeiro tempo: ‘essa maravilhosa obra de arte fruto da mistura’”. *Pesquisa de Campo*, 2: 71-90.

GUTERMAN, Marcos. 2009. *O futebol explica o Brasil*. São Paulo: Contexto.

HELAL, Ronaldo e GORDON JÚNIOR, César. 1999. “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol”. *Estudos Históricos*, 13 (23).

HELAL, Ronaldo. 1997. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes.

IANNI, Octavio. 2004. *Raças e classes sociais no Brasil*. São Paulo: Brasiliense.

JACOBS, Claudia Silva e DUARTE, Fernando. 2006. *Futebol exportação*. Rio de Janeiro: Senac Rio.

KASSIMERIS, Christos. 2009. *Anti-racism in European football*. Lanham: The Rowman & Littlefield.

KRISTEVA, Julia. 1994. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco.

LANFRANCHI, Pierre e TAYLOR, Matthew. 2001. *Moving with the ball: the migration of professional footballers*. Oxford: Berg.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. 1996. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República”. In: M.C. Maio e R.V. Santos (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB.

LOPES, José Sergio Leite. 2004. “Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro”. In: C.H.M. Batalha, F.T. Silva e A. Fortes (orgs.), *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Ed. da Unicamp.

LYRA FILHO, João. 1973. *Introdução à sociologia dos desportos*. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: INL.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. 2013. “Vidas putas: globalização e prostituição de mulheres brasileiras na Europa”. *InTolerância*, 2. (no prelo).

NOGUEIRA, Oracy. 1985. *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T. A. Queiroz.

OSMAN, Samira Adel. 2006. *Entre o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e história oral de vida*. Tese de Doutorado em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

PODALIRI, Carlo e BALESTRI, Carlo.1998. “The *ultràs*, racism and football culture in Italy”. In: A. Brown (ed.). *Fanatics! Power, identity & fandom in football*. London: Routledge: 88-100.

PRONI, Marcelo Weishaupt. 1998. *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. Tese de Doutorado em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

RAMOS, Jair de Souza. 1996. “Dos males que vêm com o sangue: as representações raciais e a categoria do imigrante indesejável nas concepções sobre imigração da década de 20”. In: M.C. Maio e R.V. Santos (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB.

RIAL, Carmen. 2008. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”. *Horizontes Antropológicos*, ano 14, 30: 21-65. 2008.

ROSENFELD, Anatol. 1993. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva/Edusp; Campinas: Ed. da Unicamp.

SAYAD, Abdelmalek. 1998. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. 1993. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras.

SEYFERTH, Giralda. 1996. “Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização”. In: M.C. Maio e R.V. Santos (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB.

SKIDMORE, Thomas. 1989. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

SOUZA, Marcos Alves. 1996. “Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro”. *Cadernos Pagu*, 6/7: 109-152.

TOLEDO, Luiz Henrique de. 2002. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Hucitec/FAPESP.

TONINI, Marcel Diego. 2011. *Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)*. Dissertação de Mestrado em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

VIEIRA, José Jairo. 2003. “Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro”. *Teoria e Pesquisa*, 42/43: 221-244.

VOGEL, Arno. 1982. “O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional”. In: R. DaMatta (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke.

WISNIK, José Miguel. 2008. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Artigos em jornais e em meio eletrônico

BLATTER contra as naturalizações. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 nov. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,blatter-contra-as-naturalizacoes,464508,0.htm>>. Acesso em: 4 fev. 2012.

CBF volta a reconhecer Sport como único campeão brasileiro de 1987. *Globoesporte*, Rio de Janeiro, 15 jun. 2011. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2011/06/cbf-volta-reconhecer-sport-como-unico-campeao-de-1987.html>>. Acesso em: 8 mar. 2012.

EXPORTAÇÃO de atletas supera a de bananas. *GI*, São Paulo, 30 jul. 2007. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL76681-9356,00.html>. Acesso em: 2 maio 2012.

FIFA scraps plans for “home-grown” player rule. *BBC*, Londres, 10 jun. 2010. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/football/8733164.stm>>. Acesso em: 4 fev. 2012.

GIMENEZ, Alexandre. HC monta “plano de saúde” para atletas. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 4, 21 abr. 1996.

JEAN-MARIE Le Pen in hisownwords. *The Telegraph*, Londres, 28 abr. 2002. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/france/1392487/Jean-Marie-Le-Pen-in-his-own-words.html>>. Acesso em: 4 fev. 2012.

JÚLIO César pensa em jogar no Brasil daqui a 3 anos. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. D3, 26 dez. 1988.

LOS GRINGOS. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. D1, 23 maio 2010.

O ARTILHEIRO Mazinho já quer jogar na Europa. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. D3, 13 mar. 1990.

PERRONE, Ricardo. Real Madri agora oferece US\$ 25 mi para ter Robinho. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. D2, 27 jun. 2005.

PLATINI critica grande presença de sul-americanos na Europa. *UOL Esporte*, São Paulo, 16 jun. 2011. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2011/06/16/platini-critica-grande-presenca-de-sul-americanos-na-europa.jhtm>>. Acesso em: 04 fev. 2012.

RECEITAS dos clubes brasileiros em 2011. *Futebol Finance*, Portugal, 23 maio 2012. Disponível em: <<http://www.futebolfinance.com/receitas-dos-clubes-brasileiros-em-2011>>. Acesso em: 23 jun. 2012.

Entrevista

Paulo Sérgio Silvestre do Nascimento, 43, ex-futebolista, Barueri-SP, 18 out. 2011, entrevistado por Marcel Diego Tonini.

Dados sobre o autor

Marcel Diego Tonini

Doutorando em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pesquisador do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP), do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (LUDENS-USP) e do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF-USP). Autor do capítulo “Presença e atuação feminina no futebol brasileiro”. In: M.D. Tonini et al. (orgs.). *Narrativas e experiências: histórias orais de mulheres brasileiras*. São Paulo: Letra e Voz, 2009: 125-146.

Correspondência

Rua Residencial Biel, 73 – complemento: R. Geralda dos Reis da Silva

13049-660 – Swiss Park – Campinas – SP

E-mail: marceldt@gmail.com

¹ A capa do caderno de esportes da Folha de São Paulo do dia seguinte à final da Liga dos Campeões da Europa, 23 de maio de 2010, estampava o título “Los gringos”, valorizando a legião estrangeira que compunha o time, com destaque para a defesa brasileira, o ataque argentino e o comando técnico português. Cf. Losgringos 2010: D1.

² Após a final da Liga Europa de 2011, disputada entre dois clubes portugueses repletos de futebolistas sul-americanos, sobretudo brasileiros, Michel Platini, presidente da UEFA, afirmou: “Sou a favor da identidade local. Se o Porto é de Portugal, eles deveriam jogar com jogadores portugueses em vez de comprar esquerda, direita e meio de outros países. Jogadores jovens do Brasil e da Argentina seriam melhores jogando em seus próprios campeonatos.” (Platini... 2011). O presidente da FIFA, Joseph Blatter, por sua vez, reprovou também a grande presença de brasileiros e argentinos nas ligas e seleções europeias: “Há um excesso de jogadores sul-americanos, sobretudo do Brasil e da Argentina, que obtêm com facilidade o passaporte do país em que atuam. Isso pode resultar numa Copa de 2014 disputada, na maioria, por jogadores do Brasil e da Argentina. Por isso, devemos intervir.” (Blatter... 2009).

³ Nas palavras de Joseph Blatter: “I have not yet completed my mission as president of Fifa, I am motivated to go for another term.” Cf. FIFA... 2010.

⁴ Em inglês, a frase pronunciada por ele foi escrita assim: “It’s a bit artificial to bring players in from abroad and call it the French team. The players in other teams sing their national anthem with gusto most players in the French team don’t sing *La Marseillaise* and don’t even know it.” (Jean-Marie... 2002).

⁵ Para um histórico do movimento migratório de jogadores sul-americanos para a Europa, ver o capítulo 3 de Lanfranchi e Taylor (2001), intitulado “The South American artists”.

⁶ Os atletas negros estavam excluídos desse processo ou, ao menos, tornavam-se “pouco exportáveis”. Para Lopes (2004: 143, 159), havia uma “sabotagem explícita” no exterior contra os negros, os quais estavam “condenados ao sucesso no próprio país”.

⁷ Alguns deles, como o brasileiro Mazzola (Altafini, para os italianos) e o argentino Di Stéfano, chegaram até a defender as seleções nacionais da Itália e da Espanha, respectivamente.

⁸ Naquele ano, o campeão brasileiro para a CBF foi o Sport, após a disputa de um quadrangular, do qual Flamengo e Internacional, ambos campeão e vice respectivamente da Copa União, decidiram não participar, uma vez que estavam respaldados pelo Clube dos 13. Desde então, o Flamengo busca a legitimação e o reconhecimento do título, já o Sport, por sua vez, a ratificação da decisão que o coloca como único campeão. Em 2011, a CBF chegou a declarar ambos como campeões, mas, meses depois, foi obrigada a voltar atrás, após decisão da justiça de Pernambuco. Cf. CBF... 2011.

⁹ Para maiores informações sobre esse caso e os impactos que ele causou, consultar: Giulianotti (2002).

¹⁰ A respeito da Lei Pelé, ver: Proni (1998).

¹¹ De acordo com as estatísticas oficiais do Ministério de Relações Exteriores, estima-se que haja 3.122.813 brasileiros vivendo no exterior, dos quais 911.889 no continente europeu. Cf. Brasil 2011.

¹² Embora nos últimos anos o peso das transferências internacionais tenha diminuído nas receitas dos principais clubes brasileiros em virtude do cenário econômico europeu, elas ainda significam bastante e significavam muito mais nas décadas de 1990 e 2000. Cf. Receitas... 2012. Desde 1993, quando o Banco Central do Brasil começou a contabilizar os valores referentes à venda de futebolistas para o exterior, a renda já passou de US\$ 1 bilhão. Em 2005 e 2006, a exportação de jogadores rendeu mais do que a de frutas tradicionais e a de alguns produtos industrializados. Cf. Exportação... 2007.

¹³ Para exemplificar, citamos apenas três casos que envolveram brasileiros e tiveram grande repercussão na imprensa mundial: Cafu (Itália, torcedores da Lazio, 29 abr. 2001), Roberto Carlos (Espanha, torcedores do La Coruña, 26 fev. 2005) e Neymar (Inglaterra, torcedores da Escócia, 27 mar. 2011).

¹⁴ Entre eles, apontamos: Filho (2003), Freyre (2003), Lyra Filho (1973), Rosenfeld (1993), DaMatta (1982), Gordon Júnior (1995, 1996) e Wisnik (2008).

¹⁵ Kassimeris(2009) mostra como iniciativas de vários torcedores, ONGs antirracistas e organizações de minorias étnicas fizeram trabalhos mais efetivos no combate ao racismo no futebol europeu, os quais estão sendo apoiados recentemente pelas instituições máximas do futebol.

¹⁶ Nas palavras de Back, Crabbe e Solomos (1998, p. 77, tradução minha): “[...] a década de 1980 certamente pode ser citada como uma época em que o cantar de insultos racistas e associações era manifestadamente lugar comum, especialmente entre clubes de alto status.”.

¹⁷ Sobre raça, ciência e nação no Brasil da virada do século XIX para o XX, consultar entre outros: Schwarcz (1993), Skidmore (1989), Lima e Hochman (1996) e Ramos (1996).

¹⁸ Sobre discurso biologizante, consultar: Damo (2008b), M. A. Souza (1996), Vieira (2003).

¹⁹ Acerca da discussão da classificação de países entre “primeiro” e “terceiro mundo” ou, em outros termos, entre países “centrais” e “periféricos” na ordem mundial, consultar: Ahmad (2002).